


## NARRATIVAS EM TRÊS TEMPOS: BIOGRAFIAS EM OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA, RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR E RUY CASTRO

*Manoel Messias Alves de Oliveira*<sup>1</sup> 

*Wilton Carlos Lima da Silva*<sup>2</sup> 

**Resumo:** Este trabalho pretende analisar a produção literária de três biógrafos brasileiros, de três períodos distintos entre os séculos XX e XXI, que encontraram sucesso e reconhecimento enquanto autores e que também já foram objeto de reflexão e análise: Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981) e Ruy Castro (1948-atual). O artigo enfoca algumas questões que permeiam o campo biográfico, como suas características estruturais, as relações inevitáveis entre o gênero na interface entre literatura e história, as tensões internas do gênero no século XX e início do XXI, as questões apresentadas na produção de cada um dos biógrafos escolhidos, e desdobramentos, rupturas, confluências, similitudes e diferenças entre eles. A abordagem sobre narrativas biográficas construídas em três momentos distintos permite discutir características que permeiam os tipos e as formas de texto e perspectiva dos biógrafos referenciados.

**Palavras-Chave:** Biografia. Octávio Tarquínio de Sousa. Raimundo Magalhães Júnior. Ruy Castro.

### NARRATIVES IN THREE TIMES: BIOGRAPHIES IN OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA, RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR AND RUY CASTRO

**Abstract:** This work aims to analyze the literary production of three Brazilian biographers, from three different periods between the 20th and 21st centuries, who found success and recognition as authors and who have also been the object of reflection and analysis: Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981) and Ruy Castro (1948-present). The article focuses on some issues that permeate the biographical field, such as its structural characteristics, the inevitable relations between gender at the interface between literature and history, the internal tensions of the gender in the 20th and early 21st centuries, the issues presented in the production of each one of the chosen biographers, and developments, ruptures, confluences, similarities and differences between them. The approach on biographical narratives built in three distinct moments allows to discuss characteristics that permeate the types and forms of text and perspective of the referenced biographers.

**Keywords:** Biography. Octávio Tarquínio de Sousa. Raimundo Magalhães Júnior. Ruy Castro.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (2015 - 2018). Atualmente é bolsista de Mestrado Acadêmico Capes pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - FCL/UNESP/Assis (2019-2021), se comprometendo a estudar as narrativas lítero-musicais do jornalista, biógrafo e escritor Ruy Castro enquanto produções de memória.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (1993) e Doutor em História pela UNESP, Campus de Assis (2000) e Livre-Docente em Metodologia da Pesquisa Histórica, também pela UNESP, Campus de Assis (2013). Foi Professor Visitante na Universidade de Brasília (2018) e na Escuela Nacional de Estudios Superiores, da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), em Morélia (2019) e fez Pós-Doutorado na área de História, sobre Memoriais Acadêmicos como Autobiografia Docente, na UNICAMP (2015-2016). É Professor Associado da UNESP, Campus de Assis.

**NARRATIFS EN TROIS TEMPS:  
BIOGRAPHIES DANS OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA, RAIMUNDO  
MAGALHÃES JÚNIOR ET RUY CASTRO**

**Résumé:** Ce travail vise à analyser la production littéraire de trois biographes brésiliens, de trois périodes différentes entre le XXe et le XXIe siècle, qui ont trouvé le succès et la reconnaissance en tant qu'auteurs et qui ont également fait l'objet de réflexion et d'analyse: Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981) et Ruy Castro (1948-présent). L'article se concentre sur certaines questions qui imprègnent le champ biographique, telles que ses caractéristiques structurelles, les relations inévitables entre les sexes à l'interface entre la littérature et l'histoire, les tensions internes du genre au 20e et au début du 21e siècles, les problèmes présentés dans la production de chacun des biographes choisis, et les développements, ruptures, confluences, similitudes et différences entre eux. L'approche des récits biographiques construits en trois moments distincts permet de discuter des caractéristiques qui imprègnent les types et formes de texte et de perspective des biographes référencés.

**Mots-clés:** Biographie. Octávio Tarquínio de Sousa. Raimundo Magalhães Júnior. Ruy Castro.

**NARRATIVAS EN TRES TIEMPOS:  
BIOGRAFÍAS EN OCTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA, RAIMUNDO  
MAGALHÍES JÚNIOR Y RUY CASTRO**

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo analizar la producción literaria de tres biógrafos brasileños, de tres períodos diferentes entre los siglos XX y XXI, que encontraron éxito y reconocimiento como autores y que también han sido objeto de reflexión y análisis: Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959), Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981) y Ruy Castro (1948-presente). El artículo se centra en algunos temas que impregnan el campo biográfico, como sus características estructurales, las relaciones inevitables entre los géneros en la interfaz entre la literatura y la historia, las tensiones internas del género en el siglo XX y principios del XXI, los problemas presentados en la producción de cada uno de los biógrafos elegidos, y desarrollos, rupturas, confluencias, similitudes y diferencias entre ellos. El enfoque de las narraciones biográficas construidas en tres momentos distintos permite discutir características que impregnan los tipos y formas de texto y la perspectiva de los biógrafos a los que se hace referencia.

**Palabras clave:** Biografía. Octávio Tarquínio de Sousa. Raimundo Magalhães Júnior. Ruy Castro.

**Introdução**

Este artigo procura debruçar-se diante das obras biográficas de Octávio Tarquínio de Sousa, Raimundo Magalhães Júnior e Ruy Castro, almejando apresentar aspectos e estipular considerações a respeito da metodologia de análise e da produção biográfica dos escritores referenciados. Para isso, devemos apresentar um panorama da biografia no Brasil entre o século XX e XXI, com o intuito de discutir os alicerces que compõem uma biografia romanceada e uma biografia histórica e, também, analisar como escritores e críticos pensavam a produção de romances, poesias, ensaios históricos e sociológicos, biografias e demais narrativas que expressassem a cultura letrada do país. Posteriormente, analisamos, a partir das especificidades das obras de cada escritor,

os aspectos metodológicos que circundam os campos de pesquisa dos biógrafos, assim como algumas características de suas escritas.

Desse modo, para discutir tais narrativas, é preciso retomar, durante a argumentação, algumas questões que permeiam o campo biográfico. Portanto, faz-se necessário nos debruçarmos sobre as características estruturais do gênero, das relações inevitáveis que o permeiam na interface entre literatura e história, das tensões internas do campo biográfico no século XX e início do XXI, das questões apresentadas na produção de cada um dos biógrafos escolhidos, e de desdobramentos, rupturas, confluências, similitudes e diferenças entre eles.

Para isso, pretendemos apresentar uma caracterização da escrita biográfica, algumas questões presentes nos trabalhos dos três autores que, produzidos em momentos distintos do século XX e XXI, trazem inquietações sobre a utilização de fontes e a ambição de interpretação acerca dos sujeitos individuais, ao mesmo tempo em que, de forma recorrente, apresentam-se as questões entre o que seria próprio do literário e do historiográfico.

### **A biografia entre a ficção e a história**

A construção de uma biografia exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, na busca de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultura na qual se insere uma “vida póstuma”, em que mortos e vivos dialogam a partir das heranças dos primeiros e das carências dos segundos.

A produção bibliográfica do biografismo brasileiro tradicionalmente vincula-se a uma humanização da história e a criação de uma pedagogia moral e cívica. Tal produção, conta com um volume relativamente tímido – quando comparado com outros biografismos nacionais –, de obras a partir de metodologias e enfoques semelhantes na produção historiográfica, no romance histórico, nas memórias pessoais, na literatura escolar e nas biografias no sentido estreito do termo.

A especialização e a profissionalização do biografismo se processam na tradição inglesa a partir do final do século XVII e, já no século XVIII, algumas publicações do gênero buscam uma “verdade”, a partir da descrição minuciosa do dia-a-dia do personagem, com a utilização de papéis pessoais e também de entrevistas com este. A crença na “verdade” sobre o biografado se apresenta nesse contexto como exigência qualitativa da narrativa biográfica, ao mesmo tempo em que reflete duas diretrizes

avaliativas do período: a percepção do homem como “ser social” e a consequente valorização da dimensão coletiva sobre o indivíduo, e a identificação de uma dimensão determinante na trajetória do ser humano, o psiquismo, o que redimensiona a relação entre o social e o individual.

No século XIX vê-se o surgimento de críticas enfáticas ao biografismo, a partir da crítica aos “particularismos” da individualidade e do contexto cultural e ideológico que enfatiza o utilitarismo, o positivismo e o cientificismo, no qual o indivíduo é mais resultante do que um agente, e o coletivo é o *primum mobile*, fazendo com que a exigência da legitimação da biografia se dê pela demonstração da pesquisa empírica e documental, pelo colecionismo de provas e pela busca de motivos explícitos e fins determinados (MADELÉNAT, 1984, p. 57-58). É nesse contexto que a biografia atinge ampla divulgação e, inclusive, tornando-se objeto de estudos eruditos.

Após a Primeira Guerra Mundial, a biografia moralista e laudatória foi superada por um novo padrão, com uma crítica aos vícios das “pretensões à exaustividade”, dos “respeitos institucionalizados” e das “mentiras piedosas” ao mesmo tempo em que apresenta uma defesa do “direito à imaginação”, à “verdade poética” e à “reconstrução inventiva” (MADELÉNAT, 1984, p. 6).

Ao longo do século XX, diversas questões metodológicas se apresentam no novo paradigma do biografismo, como o reconhecimento da dificuldade em conciliar “verdade científica” e “imaginação criativa”, das implicações da aproximação e da afinidade entre biógrafo e biografado, da escolha entre a associação direta entre vida e obra ou da defesa da independência entre tais instâncias, dos limites entre vida vivida e vida documentada, entre outras. Como documento ou textos sobre a sociedade que os fez ou os consumiu, é a possibilidade de abordagem mais recorrente e consolidada – inclusive, é nesta que se insere o presente trabalho –, e que nesse aspecto aproxima a biografia de outros produtos culturais e midiáticos, embora em nosso entender a mesma seja abordada mais como um resultado do que como um processo, ou seja, a sua construção e a sua circulação ainda não receberam a devida atenção.

O gênero biográfico parece oferecer-se hoje como instrumento adequado de investigação histórica, pois:

[...] a crise dos últimos anos, a recusa à massificação, a colocação em questão de ideologias dominantes, a renúncia à total inteligibilidade do real, o conjunto desses fenômenos econômicos, sociais e culturais parece ter formado um clima favorável à biografia (como ao individualismo, ao ‘novo romance’, a um amor nostálgico e ecológico pelo patrimônio) (MADELÉNAT, 1984, p. 73).

A necessidade social de referenciais de identidade, ação e reconhecimento, assim como a urgência em fixar a dimensão da experiência através do relato de vida – na biografia e na autobiografia e seus desdobramentos – se mostram harmoniosos com as possibilidades da recriação do biografismo.

A biografia como objeto de análise oferece muitas questões a serem respondidas: os limites da ideia de verdade e de representação, o papel social do mito, as relações entre público e privado, as ligações entre a narrativa e sua época, entre diversas outras. Em um momento no qual a teoria da história busca refletir sobre a relação entre a área e a literatura, assim como na complexa relação entre verdade e narrativa na historiografia, se mostram extremamente oportunas as questões colocadas por tal objeto.

### **As obrigações e as possibilidades da narrativa**

Uma questão relevante é pensar de que maneira a biografia, devido aos próprios limites da representação escrita e da necessidade de se redimensionar a ambição de “verdade”, não apresenta elementos do romance histórico – dentro do espaço daquilo que o contexto e os fatos não permitem enquanto reconstrução factual ou apoio documental.

Nesse sentido, qualquer obra literária tem relação com a história em seus vários aspectos, inclusive com a história literária, e são inúmeros os textos ficcionais nos quais há forte interrelação entre o enredo e a cultura histórica socialmente compartilhada, de maneira que fatos em tempos passados são narrados em diálogo, mais ou menos explícito, com distintos discursos históricos.

Os romances históricos no século XIX, por exemplo, também estavam ligados à tradição narrativa com abordagem épica, com grande quantidade de detalhes e minúcias, ao mesmo tempo em que enfocavam grandes personagens e os feitos heroicos em um enredo de drama – o que Anderson (2007, p. 212) identifica como maior ênfase na “totalidade dos objetos” do que na “totalidade do movimento” –, com esvaziamento da dimensão fragmentária e, muitas vezes, contraditória nos personagens, retratados de forma idealizada.

Tal abordagem encontrava-se bastante próxima de uma concepção hegemônica da própria historiografia do período, com sua concepção de história enquanto *Magistra Vitae* e, assim como a teoria da história, também a literatura e sua teorização mudaram

para uma abordagem mais ampla e complexa, buscando conexão com uma existência múltipla e dinâmica.

Essa aproximação com um maior realismo, apontada, no caso da literatura – em particular no “romance histórico” –, por Jameson (2007, p. 185), em um diálogo com as considerações de György Lukács, resulta em uma tradição da qual os mestres do realismo histórico se aproveitaram de maneira que o passado não se apresentasse como fato histórico, mas como modo de vida de uma sociedade<sup>3</sup>.

A relação de convergências e divergências entre literatura e história é extremamente recorrente no que diz respeito ao biografismo, no reconhecimento dos limites da linguagem e das particularidades da cognição e das sensibilidades, entre tantos outros determinantes na relação do vivido e do narrado:

[...] para emprestar densidade e sentido a esses particulares, para torná-los significativos, o historiador, como o ficcionista, não pode senão procurar contextualizá-los, situando-os em um certo ambiente e considerando os seus movimentos nessa paisagem. Ao proceder assim, ele jamais dispõe de informações suficientes para assegurar a reconstituição integral do ambiente, tal como ele foi, e se vê na contingência de recorrer à sua imaginação, construída a partir da sua própria experiência, de modo a transportar-se para a situação do outro – ainda que deva tomar certos cuidados para não ferir a verossimilhança do que propõe. Ao fazê-lo, ele não está recuperando um inalcançável passado, mas projetando naquele mundo imaginário, que está trazendo à luz, os medos e esperanças de sua própria época, do meio de onde proveio e de si mesmo (NEVES, 2002, p. 59).

As distâncias entre o “real” e o “imaginário”, entre o “fato” e o “mito” no campo biográfico são produzidas histórica e culturalmente, exigindo uma “desconstrução” não porque seja falso ou artificial, mas, justamente porque a construção do mito também faz parte do percurso biográfico. Assim, as situações singulares transformam o vivido em memória, ainda mais quando se percebe o “real” como tortuoso, fragmentário e lacunar no tempo e, ainda, os próprios limites da representação escrita em qualquer gênero.

De qualquer modo é forçoso reconhecer que tanto a história quanto a literatura, distintas mas com similitudes, são o resultado de tentativas de representação de um passado, e que o uso de uma documentação volumosa, tanto pelo historiador quanto pelo literato, não prescinde do uso da imaginação na criação dos fatos - visto que a recriação é impossível - em cada tipo específico de narrativa.

<sup>3</sup> Problematicamente, o romance histórico no século XIX, caracterizado por Jameson (2007, p. 186) a partir da obra de Walter Scott, de *Ivanhoé*, como um “drama de costumes”, apresenta um maniqueísmo no qual o dualismo ético do bem e do mal é recorrente. Anderson, referenciando Liev Tolstói (*Guerra e Paz*) como exemplo de uma modernização do gênero, na segunda metade do século XIX, aponta “figuração” da História no romance juntamente com uma reflexão sobre o tempo e a época.

## Narrativa e biografia em Octávio Tarquínio de Sousa, Raimundo Magalhães Júnior e Ruy Castro

Entre os anos de 1930 e 1960 configura-se um período áureo de produção biográfica e de sucesso editorial do gênero no Brasil. Segundo Andrade, conforme citado por Vieira (2015, p. 4), as obras marcaram:

[...] um movimento de renovação do gênero, percebido como arte, de escrita romaneada e pesquisa memorialística, com autores historiadores e “escritores de história” – jornalistas entre eles – que empreenderam pelo gênero em uma época de forte constituição do mercado livreiro, com novas editoras, ampliação da tecnologia gráfica, bem como uma expansão da comunicação e o acesso à informação de fora do país, com muitas biografias sendo traduzidas. Havia um forte apelo às Ciências Sociais, à História e à biografia pelas editoras na busca de formação por um novo público leitor.

Essa “epidemia biográfica”<sup>4</sup> resultou nas contribuições de Lúcia Miguel Pereira sobre *Machado de Assis* (1936) e de Eloy Pontes, sobre *Raul Pompéia* (1935), *Euclides da Cunha* (1938), *Machado de Assis* (1939), *Olavo Bilac* (1944) e *Balzac* (1944). Dentre os historiadores, tivemos as produções de Luís Viana Filho (1908-1990), biografando Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Rio Branco, José de Alencar, Machado de Assis e Eça de Queiroz, além de ter deixado um importante trabalho no Brasil sobre o biografismo, intitulado *A verdade na biografia* (1945), que se dedicava à problematização do biografar<sup>5</sup>, como consta ainda nas discussões que envolvem a temática da aproximação da biografia com a reportagem (VIEIRA, 2015, p. 5)<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Definida por Tristão de Athayde, a “epidemia biográfica” era “‘uma face de nossa moderna sedução pela verdade’, pela busca ‘da realidade’ e de informações esclarecedoras, mas sem os excessos da irrealidade. Valoriza a onda alta da biografia como um fenômeno universal” (ANDRADE, 2013, p. 97). Assistia-se no Brasil aos desdobramentos de questões sobre a escrita biográfica que se faziam presentes na Europa e nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> Menos referenciado do que Viana, mas também sintomático de uma inquietação intelectual com a escrita biográfica naquele período é *Biografias e biógrafos* (1943) de Edgard Cavalheiro (1911-1958), um dos mais importantes biógrafos de Monteiro Lobato, enquanto um estudo monográfico, com a sistematização e ampliação de artigos já divulgados na imprensa, sobre as questões da escrita biográfica a partir de obras, autores e abordagens das narrativas das histórias de vida.

<sup>6</sup> A classificação de “biógrafo” é problemática, pois diversos literatos eventualmente escreveram biografias, por exemplo Carlos Heitor Cony (1926-2018), que biografou Charles Chaplin (1965), Getúlio Vargas (1972), Juscelino Kubitschek (1982) e Orlando Teruz (1985), Érico Veríssimo (1905-1975) que escreveu três volumes autobiográficos (*O escritor diante do espelho*, 1966; *Solo de clarineta - dois volumes -*, 1973 e 1976) e uma biografia de Henrique Bertaso (1972), ou ainda Jorge Amado (1912-2001), com livros sobre Castro Alves (1941) e Luis Carlos Prestes (1942). Mas utilizamos a definição para autores que possuem uma parte significativa de sua produção bibliográfica inserida no enfoque biográfico, mesmo que haja outras manifestações literárias, como Américo Jacobina Lacombe (1909-1993), com obras sobre Paulo Barbosa, José de Anchieta, Afonso Pena e diversos volumes sobre Ruy Barbosa; Francisco de Assis Barbosa (1914-1991) que biografou Lima Barreto, Machado de Assis, Juscelino Kubitschek, Santos Dumont e Bernardo Guimarães; Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) que escreveu sobre Machado de Assis e Gonçalves Dias; Manoel José Gondin da Fonseca (1899-1977),

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por um debate sobre a biografia romanceada e o caráter híbrido que permeia o gênero biográfico, em consonância com discussões sobre o gênero em outros países. Para compreendermos as implicações para a produção biográfica no período, é preciso situarmos o biógrafo moderno que, em diálogo com as mudanças no texto biográfico que tanto atingiu os romancistas, seria aquele que considerasse o biografado como uma verdade a ser construída, devendo valer-se de toda documentação disponível para levantamento e análise, sem utilizar quaisquer ideias preconcebidas (GONÇALVES, 2009, p. 158).

As críticas às biografias “romanceadas” eram explicitadas de forma veemente pelos literatos, que desqualificavam em geral os pressupostos, a forma e o conteúdo delas:

Álvaro Lins associava a biografia à história em seus compromissos com a busca da verdade, da exatidão e da justiça, não valorizando a leva de narrativas biográficas romanceadas, fruto de uma  *fusão antinatural*  entre biografia e romance, rotulando-as de mera  *literatura industrial* . Luís Viana, nesse aspecto, não chegava a tanto, ponderando que a biografia moderna não se teria desvencilhado das limitações impostas pela investigação histórica, tendo apenas ousado no uso de elementos da narrativa do romance – “a graça, a leveza, a maneira de apresentar o assunto”. Nesse sentido, essa seria a principal lição dos mestres da biografia moderna – Strachey, Ludwig e Maurois. Segundo Viana Filho, mesmo ao buscar novos elementos na construção de suas narrativas, nenhum deles quis afastar a biografia da história, mantendo submissões à verdade e à exatidão (GONÇALVES, 2009, p. 191, grifos do autor).

Tratava-se de um momento de cobrança, por parte significativa da crítica literária, sobre a exploração do biográfico em sua dimensão artística. Dentre aqueles que compunham o grupo dos “críticos profissionais” que registravam em páginas de revistas e jornais<sup>7</sup> suas impressões de leitura de romances, poesias, biografias, ensaios históricos e sociológicos em uma constante expressão simbólica da cultura letrada nacional, podemos citar Alceu Amoroso Lima, Humberto de Campos, Álvaro Lins, Agripino

---

biógrafo de Santos Dumont, José Bonifácio, Eça de Queiroz e Machado de Assis; Paulo Junqueira Duarte (1899-1984), com trabalhos sobre Mário de Andrade, Amadeu Amaral e Júlio de Mesquita; Pedro Calmon (1902-1985), com suas narrativas sobre a Princesa Isabel, José de Anchieta, o Marquês de Abrantes, Gomes Carneiro, D. Pedro I, D. João VI, Castro Alves e D. Pedro II; além de escritores que se tornaram especialistas em um personagem específico, característica que Leonor Arfuch chamou de “devoção biográfica”, como Jacy de Freitas Pacheco (1910-1989) e Noel Rosa, Marques Rebelo - pseudônimo de Eddy Dias da Cruz, 1907-1973 - e Manuel Antônio de Almeida.

<sup>7</sup> Dentre os jornais que mantinham os rodapés literários, podemos citar: *Correio da Manhã, O Jornal, A Manhã, Jornal do Brasil, Diário de Notícias, A Folha da Manhã, O Estado de São Paulo, Diário de São Paulo, Correio Paulistano, Jornal do Commercio, O Dia* e, dentre os suplementos literários e revistas: *Clima, Planalto, Revista Brasileira de Poesia, Dom Casmurro, Leitura, Orfeu, Revista Branca, Revista do Brasil (3ª fase), A Província de São Pedro, Dom Quixote, Joaquim, Clã, Edifício, Presença, José* (GONÇALVES, 2009).



Grieco, Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira e Augusto Meyer (GONÇALVES, 2009, p. 104-105).

Nesse contexto se inserem as obras de Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959) que, embora com formação jurídica e tendo exercido a crítica literária, se dedicou ao estudo da história, foi membro do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)<sup>8</sup> e um dos coordenadores da importante coleção *Documentos Brasileiros*, editada pela José Olympio. Cabe mencionar que Octávio Tarquínio escreveu em coautoria com Sérgio Buarque de Holanda o livro intitulado *História do Brasil 1500-1822* (1944), e tornou-se um dos mais importantes biógrafos brasileiros do período, com a obra *História dos Fundadores do Império do Brasil* (1957), dividida em dez volumes com as biografias de Diogo Antônio Feijó, Evaristo da Veiga, José Bonifácio, Bernardo Pereira de Vasconcelos e D. Pedro I.

Editados em um contexto no qual a discussão sobre a identidade nacional ocupava significativa centralidade no campo artístico e intelectual, os dez volumes da coleção *História dos Fundadores do Império do Brasil* identificavam, a partir da trajetória de vida de cinco personagens relevantes da história do país nas primeiras décadas do século XIX, acontecimentos fundamentais para a emancipação do Brasil e a instauração de instituições nacionais, tendo como base uma vasta pesquisa documental e sendo narrada em uma linguagem com apuro literário, mas sem concessões ao fantasioso.

Tarquínio de Sousa, enquanto biógrafo e em consonância com as ideias que circulavam entre muitos membros do IHGB, entendia que a história poderia ser narrada a partir de seus grandes personagens, mas repudiava a modalidade de escrita que vigorava em seu momento histórico de produção de histórias de vidas, na qual havia proeminência do ficcional sobre o histórico. Sua proposta de abordagem biográfica buscava frisar a pesquisa documental e a partir desta desdobrar a narrativa factual, minimizando a narrativa romanceada, buscando como espaço do subjetivo somente na interpretação das personalidades, o que permitiria descobrir o indivíduo tal qual ele foi na sua realidade.

Assim, afirmava: “romancear, nesses termos, significaria afastar-se da criatura humana na dimensão de sua realidade mais imediata. Romancear seria ficcionalizar o

---

<sup>8</sup> Cabe salientar o prestígio que o gênero biográfico gozou nesta instituição, tanto no período monárquico como no republicano, inclusive com intensas discussões historiográficas sobre questões de teoria e de método sobre tais narrativas. Sobre tais questões, vide Guimarães, 2007; Gomes, 2009; Oliveira, 2011 e 2015.

protagonista de uma história de vida, fosse por um discurso marcado pela predominância de louvores a suas qualidades, fosse por conta da detração absoluta do sujeito biografado” (GONÇALVES, 2009, p. 66-67).

O pertencimento do autor ao universo da cultura histórica daquele contexto, somada a sua postura enquanto narrador, caracterizavam suas obras com um diferencial, de maneira que: “Octávio Tarquínio de Sousa produziu biografias históricas, no sentido do que foi designado por Álvaro Lins, ou seja, narrativas de vida limitadas pela fidelidade ao *curriculum vitae* do biografado, presas à metodologia de trabalho do historiador, e afastadas da liberdade do romancista ou dos artífices do suprarreal” (GONÇALVES, 2009, p. 151, grifo do autor).

Entretanto, podemos falar também que Tarquínio de Sousa conseguia, na forma final oferecida aos leitores, pontuar o valor literário de seus textos, contribuindo para a renovação do gênero biográfico ao enfatizar a personalidade do biografado em seu meio e em sua época, relacionando indivíduo e sociedade em um determinado período histórico.

Embora sua narrativa fosse voltada para retratar brasileiros “ilustres”, grandes vultos do passado, o autor procurava em suas narrativas fugir ao panegírico e ao romanceado, situando o homem em seu meio social de tal forma que apenas o que decorreria da análise documental fosse informado, mas sem cair em um puro arquivismo ao mesmo tempo em que tentava fazer um pouco de introspecção social e de reconstituição psicológica. O caráter realista de seu texto garantia que Tarquínio de Sousa figurasse seus biografados, bem como suas virtudes, defeitos, épocas e valores a partir de uma volumosa pesquisa documental (GONÇALVES, 2009, p. 50-51).

Também desperta nossa atenção as obras de Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981), jornalista e teatrólogo que foi membro da ABL (Academia Brasileira de Letras) e autor de mais de uma dezena de livros de natureza biográfica sobre grandes vultos da política e da literatura nacional<sup>9</sup>, entre as décadas de 1950 e 1970, e que apresentavam perspectiva semelhante à de Octávio Tarquínio de Sousa.

<sup>9</sup> São títulos do autor: *Artur Azevedo e sua época* (1953); *Ideias e imagens de Machado de Assis* (1956); *Machado de Assis, funcionário público* (1958); *Machado de Assis desconhecido* (1955); *Ao redor de Machado de Assis* (1958); *Três panfletos do Segundo Reinado* (1956); *O fabuloso Patrocínio Filho* (1957); *Deodoro, a espada contra o Império* (1957); *Poesia e vida de Cruz e Sousa* (1961); *Poesia e vida de Álvares de Azevedo* (1962); *Poesia e vida de Casimiro de Abreu* (1965); *Rui: o homem e o mito* (1964); *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1969); *Martins Pena e sua época* (1971); *José de Alencar e sua época* (1971); *Olavo Bilac e sua época* (1974); *Poesia e vida de Augusto dos Anjos* (1977); e *A vida vertiginosa de João do Rio* (1978).

A produção de Magalhães Júnior, mesmo voltada aos grandes vultos – com predomínio da segunda metade do século XIX e primeira metade do XX -, e caracterizada pela extensa pesquisa documental, insere-se em um novo contexto no qual busca-se um constante equilíbrio entre história e ficção, não mais com uma sobreposição do literário ao histórico, de tal modo que as fontes garantiam a confiabilidade da narrativa e legitimavam o trabalho do biógrafo.

Entre as décadas de 1950 e 1970 a produção editorial de natureza biográfica apresentou a existência tanto de volumes com enfoque mais fantasioso e abordagens hagiográficas quanto uma produção de natureza mais historicista, embora essa última apresentasse relativa diversidade no enfoque com distintas ênfases na dimensão psicológica, no contexto social e econômico, nas origens e nas influências, entre outras referências entendidas como explicativas da trajetória individual.

A cobrança em relação à fidelidade histórica por parte do biógrafo é incorporada de forma plena por Raimundo Magalhães Júnior, cuja produção se situa entre 1950 e 1970. Essa cobrança, em nosso entendimento, nos permitiria caracterizá-lo como herdeiro do padrão defendido por Octávio Tarquínio de Sousa, no que se refere ao esforço das interpretações acerca dos sujeitos individuais e de suas atuações na dimensão histórica. Por isso, podemos dizer que Raimundo Magalhães se afasta claramente da biografia romanceada e busca afirmar-se pela sua historicidade, tanto pelo volume e amplitude das fontes como pelo cuidado com as metodologias de pesquisa e análise.

Com base em tais referenciais, o biógrafo, contemporâneo de Luís Viana Filho, também produziu diversas obras que marcaram o campo biográfico do período, com trabalhos sobre Artur Azevedo, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Dom Pedro II e a Condessa de Barral, Deodoro da Fonseca e Rui Barbosa.

Assim, ele acreditava que a biografia devia ser “encarnada de história” de tal modo que história e biografia se completassem, levando o jornalista a propor uma “aliança entre biógrafos e historiadores. Mas observa, como biógrafo, que, à sua época, os historiadores não desciam à vida individual para decifrar retratos de vida e assim compreender o espírito de um tempo, suas ideias, concepções” (ANDRADE, 2013, p. 296).

Essa busca de legitimação da narrativa biográfica pela adoção de referenciais historiográficos se manifestava, portanto, tanto no advogado e historiador Octávio Tarquínio de Sousa, como no teatrólogo e jornalista Raimundo Magalhães Júnior e,

inevitavelmente, ao mesmo tempo em que os historiadores, a partir da década de 1980, passaram a se aproximar da abordagem biográfica<sup>10</sup>, embora o campo ainda encontre maior presença de jornalistas.

Magalhães Júnior destaca-se enquanto biógrafo-jornalista, e o volume de sua produção é um rico exemplo da aproximação dos jornalistas com o gênero<sup>11</sup>, deixando uma obra extensa e referenciada que marcou o biografismo brasileiro e, em certa medida, indicou caminhos para sucessores. Ruy Castro se insere nessa linhagem, pois tendo formação em Ciências Sociais, iniciou sua carreira de jornalista em 1967 e somente em 1988 publicou seu primeiro livro - o primeiro volume de uma trilogia sobre a irritação, o aborrecimento e a destemperança: *O Melhor do Mau Humor*, de 1989; *O Amor de Mau Humor*, de 1991 e *O Poder de Mau Humor*, de 1993 - e, posteriormente, suas duas primeiras obras de natureza biográfica, *Chega de Saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (1990) e *O Anjo Pornográfico* (1992), sobre Nelson Rodrigues.

Enquanto escritor, reforça continuamente a necessidade de vasta pesquisa documental e alterna sua produção entre dois gêneros confluentes, as biografias e as narrativas de época, dentro dos limites, das tensões e das possibilidades daquilo que Leonor Arfuch denominou de *espaço biográfico*<sup>12</sup>. Resta assinalar que, ao contrário de seus dois antecessores, talvez tanto pela proximidade temporal entre o biógrafo e o biografado como pela crescente judicialização e monetarização da sociedade brasileira no século XXI, Castro enfrentou processo judicial travado com a família de Garrincha, que alegara violação dos direitos de imagem, do nome e da honra e intimidade do jogador<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> O enfoque biográfico na historiografia sempre esteve presente em diferentes momentos, mesmo que de maneira secundária, como em *Martinho Lutero, um destino* (1928), de Lucien Febvre, mas que a partir de 1980 ganha maior legitimidade e centralidade, como *O queijo e os vermes* (1976), de Carlo Ginzburg, *Guilherme o Marechal ou o melhor Cavaleiro do Mundo* (1984), de George Duby, ou ainda *O retorno de Martin Guerre* (1984), de Natalie Zemon Davis.

<sup>11</sup> Podemos destacar como jornalistas que se tornaram biógrafos: Alberto Dines (1932-2018), Sérgio Cabral (1937-atual), Fernando Morais (1946-atual), João Máximo (1935-atual), Josélia Aguiar (1978-atual), Lira Neto (1963-atual), Mário Magalhães (1964-atual), Paulo César de Araújo (1962- atual), entre outros.

<sup>12</sup> O *espaço biográfico*, na definição de Arfuch (2010, p. 60), seria composto por manifestações bastante amplas: “biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos –, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada *reality paiting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do *show* (*talk show*, *reality show*), a vídeo política, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmicas”.

<sup>13</sup> Além dele, acusações da mesma natureza, de invasão da privacidade ou de informações inverídicas sobre uma trajetória, foram imputadas a outros jornalistas-biógrafos, como Paulo César de Araújo sobre a biografia de Roberto Carlos; Pedro de Morais, sobre a vida de Lampião; Fernando Morais, sobre Paulo

Com isso, Ruy Castro estivera diante de implicações que poderiam influenciar seu método de produção biográfica, o que certamente levaria a uma nova ideia de narrativa a ser seguida em suas próximas obras, talvez com um texto mais objetivado e menos impregnado de recursos literários, mais documental e factual e menos criativo no preenchimento das lacunas.

No entanto, depois de longo debate jurídico sobre as tensões entre a liberdade de expressão e os direitos da personalidade - direito à honra, à imagem, à vida privada e à intimidade -, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a liberdade do biógrafo como uma forma de liberdade de expressão, e que a trajetória da figura pública não precisava de autorização de familiares e herdeiros para ser abordada, estando o biógrafo e sua editora submetidos somente aos limites legais do que poderia ser entendido como calúnia e difamação<sup>14</sup>.

### **Teoria e método em Octávio Tarquínio de Sousa, Raimundo Magalhães Júnior e Ruy Castro**

Raimundo Magalhães Júnior, diante da produção de *Artur Azevedo e sua época* (1953), revela as primeiras características presentes em sua metodologia de produção: uma densa pesquisa sobre os cânones referentes ao tema tratado e, além disso, sobre as produções biográficas e historiográficas referentes ao tema abordado pelo autor. Afinal, Magalhães foi entusiasta da obra de Octávio Tarquínio por considerar a estética de sua narrativa pertinente, sobretudo diante do equilíbrio entre história e ficção (MUNIZ JUNIOR, 2015, p. 81).

Em 1963, a biografia de Olavo Bilac, produzida por Fernando Jorge (1928-atual) recebeu uma crítica de Magalhães Júnior no que se refere aos aspectos romanceados da narrativa, sustentando que “custa a crer que ainda se escrevam biografias, no nosso tempo, numa linguagem florida e lantejoulada, que lembra os maus folhetinistas da época romântica” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2013, p. 110).

---

Coelho, mas que atingiu o ex-ministro de Relações Exteriores Celso Lafer que aparecia na narrativa; Toninho Vaz, sobre Paulo Leminski, entre outros.

<sup>14</sup> No julgamento da questão a ministra Carmen Lúcia afirmou que: “calar os biógrafos é amordaçar a história. A censura prévia calaria o direito de saber, pois a biografia não se encerra na história de vida narrada, ela ultrapassa esse limite, como uma narrativa que ressignifica uma trajetória, reativando a memória sobre o indivíduo. E dá a ver ao público parte da sua história e do seu país, a compreensão da sua cultura, o seu reconhecimento como povo, o cultivo da sua memória” (VIEIRA, 2015, p. 9-10).

Desse modo, o biógrafo externa sua repulsa à biografia romanceada e enfatiza a defesa da abordagem histórica, afinal, para o escritor, a narrativa ficcionada não só corre o risco de se perder no esteticismo, como ainda dilui a objetividade dos documentos.

Um exemplo eloquente da postura historicista de Magalhães Júnior e de suas implicações no campo cultural e literário é a biografia *Rui: o homem e o mito* (1964), que contrastava de forma chocante para a época em relação à imagem do jurista baiano Rui Barbosa e alguns fatos de sua trajetória, como a descrição de comportamentos racistas, ações oportunistas, atitudes conservadoras, incompetência administrativa, limitação intelectual e vaidade extremada (SILVA, 2012).

Esse livro, única exceção biográfica ao culto à memória do personagem, obteve um significativo sucesso editorial, despertou elogios pela qualidade do trabalho e provocou reações acaloradas de agravo, na defesa do jurista e em ataques ao jornalista, sendo finalmente desprestigiado pelos intelectuais do período (JOHNSON, 1973, p. 198-201).

No contexto do lançamento do livro, o Austregésilo de Athayde, o presidente da ABL, o Diário de São Paulo, o Jornal do Brasil e o Tristão de Athayde elogiaram o trabalho de Magalhães Júnior, apontando entre seus méritos a apresentação do jurista e apóstolo do liberalismo para as novas gerações e o reviver do interesse pelo personagem com uma dimensão realmente humana.

Por outro lado, diversos “barbosistas” acusaram o autor de mentiroso, sensacionalista e mercenário, como Osvaldo Orico (1900-1981)<sup>15</sup> - imortal que ocupava a cadeira que tinha Rui Barbosa como patrono -, que classificou o livro como um absurdo semelhante à uma história de Kafka, identificando o autor como um socialista panfletário e marxista inescrupuloso que tentava destruir um símbolo de liberdade. Luís Viana Filho<sup>16</sup> também se insere nessa lista, visto que, além de reconhecido biógrafo era político com vínculos com a UDN (União Democrática Nacional) e a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), e, portanto, manifestara apoio às críticas.

<sup>15</sup> Entre suas obras, destaca-se nessa polêmica um livro defendendo a memória do jurista baiano e atacando Magalhães Júnior, *Rui: o mito e o mico*, editado pela Record, no Rio de Janeiro, em 1965. Curioso é notar que Osvaldo Orico, em seu *Rui: o mito e o mico*, atribui a Fábio Lucas<sup>15</sup> a ideia de desmistificação do jurista, a partir do artigo *O Mito de Rui Barbosa*, publicado na revista *Coluna*, da Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1957, e elenca tal texto como fonte plagiada por Magalhães Júnior - informação negada pelo autor do artigo em nota de rodapé da reedição do mesmo artigo em coletânea de seus textos (LUCAS, 1968, p. 186).

<sup>16</sup> Como biógrafo se destacam dois trabalhos seus sobre Rui Barbosa: *A vida de Rui Barbosa* (1941) e *Rui & Nabuco* (1949).

Além deles, diversos jornais e revistas - como *O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo* e *Jornal do Comércio* - se manifestaram em matérias e entrevistas contra o livro. O afã com o qual “barbosistas” atacaram Magalhães Júnior não é reflexo somente do culto ao personagem e a manutenção do mito, mas, também parte das vaidades corporativas, da demagogia política, das disputas ideológicas, entre outras tensões em um contexto político no qual era importante a defesa do liberalismo político, da legalidade jurídica e da manutenção de símbolos da ordem<sup>17</sup>.

Entretanto, a “biografia não depende apenas da arte: quer-se também estribada no verídico, nas fontes escritas, nos testemunhos orais. Preocupa-se com dizer a verdade sobre a personagem biografada” (DOSSE, 2015, p. 59) e ainda procura estabelecer ligações entre autor e herói, se posicionando em um meio termo entre a “verdade da ficção” e a “verdade dos fatos”, procurando combiná-las.

É inegável que a dimensão ficcional existente no gênero biográfico também favorecesse a criatividade, no que se refere às lacunas deixadas pelas fontes observadas pelo autor, visto que são preenchidas por hipóteses e possibilitam coerência e lógica à narrativa construída pelo biógrafo. Essa percepção, portanto, na biografia não-ficcional, faz:

[...] com que esse quebra-cabeças existencial tenha ordem e sentido instituídos pela linearidade. E se assim enxerga o biógrafo o seu trabalho - ou seja, um puzzle [...] – o tipo de contratação que norteará o seu trabalho já está definido: a crença de que a narrativa tem verdadeira possibilidade de reconstituir uma trajetória de vida e que esta se dá a partir de uma linearidade de coerência e um todo-sentido (BRUCK, 2008, p. 123).

Como também aponta Dosse (2015, p. 67-68), “o biógrafo deve preencher as lacunas documentais e valer-se da intuição para ligar traços descontínuos”, tendo em vista que o rompimento da mera linearidade cronológica pode dar mais eficácia ao relato e possibilitar ao biógrafo maior liberdade diante de sua obra, como a inserção de múltiplas vozes nas narrativas e a possibilidade de situar seu escrito entre a escrita romanesca e a histórica.

Desse modo, essa biografia histórica valorizada por Magalhães, e que não é linear, comportaria, conforme Muniz Junior (2015, p. 103), duas possibilidades: “sintetizar o homem e o tempo ou exagerar e sufocar o indivíduo em meio à massa

<sup>17</sup> Johnson (1973, p. 202-203) identifica o livro como exemplo de um esforço da esquerda do período de desmistificar os símbolos de uma era de pretensa democracia, subserviência cultural à Europa, supervalorização da oratória e reverência aos doutores e bacharéis, rompendo com as matrizes oligárquicas através do enaltecimento de novos ídolos, como Euclides da Cunha e Lima Barreto.

documental, aos quadros sucessivos, desligados da simultaneidade da vida, que retiram do personagem aquilo que Wilson Martins chama de ‘terceira dimensão’ do homem”. Assim, o essencial seria manter a fidelidade à documentação, de tal modo que o autor interpretasse e apresentasse sua visão do biografado e permitisse ao mesmo tempo que a imaginação e criatividade preenchessem as lacunas existentes no desfile da vida da personagem.

A crítica literária de Álvaro Lins sobre a obra de Octávio Tarquínio de Sousa mostrava porque tal biógrafo conseguia produzir uma receita, instituir um ofício a ser seguido por seus contemporâneos:

[...] está o Sr. Octávio Tarquínio de Sousa na posse de um processo que participa da literatura e da história. Tem da literatura o bom gosto da expressão, a arte de construir o livro, a emoção sóbria com que descreve os acontecimentos, o senso psicológico com que movimenta os seus personagens, a personalidade de autor que não se apaga em momento nenhum. Tem da história a fidelidade aos fatos, a honestidade de interpretação, a pesquisa nas próprias fontes, o senso da documentação. Acima de tudo apresenta o Sr. Tarquínio de Sousa um atributo de historiador sem o qual todos os outros se amesquinhariam: a ausência de paixão ou part-pris em face dos personagens em estudo. Ele mesmo esclareceu que diante de Feijó se esforçou por ficar naquele estado de dúvida receptiva (LINS apud GONÇALVES, 2009, p. 139).

Esse apego à perspectiva historicista, tornou Raimundo Magalhães um representante da biografia histórica e crítico da biografia romanceada, fez com que a sua produção biográfica fosse submetida a uma redefinição da persona profissional do biógrafo, que de jornalista passou a ser identificado pela crítica literária como um ensaísta, escritor de história e, até mesmo, historiador (MUNIZ JUNIOR, 2015, p. 117).

Carlos Drummond de Andrade afirmava que este investigava “registros civis e eclesiásticos, arquivos públicos e de associações privadas, bibliotecas gerais e especializadas, - de onde ele escarafunchava, trazia sempre o dado seguro, esclarecedor”. Já Paulo Ronai, enaltecendo a visão crítica e revisionista dos assuntos tratados, reconhecia nos trabalhos do biógrafo a valorização das fontes a partir de suas consultas aos arquivos de jornais, bibliotecas, arquivos pessoais, museus e até mesmo colhendo informações orais. Ronai enxergava o seu “rigor científico de historiógrafo e não de biografias romanceadas” e sua capacidade de seleção, fidelidade aos documentos e rigor historiográfico, “derrubando mais de uma vez teorias aparentemente plausíveis, mas baseadas em fundamentos frágeis ou em interpretações apressadas” (MUNIZ JUNIOR, 2015, p. 111).



Portanto, podemos dizer que Raimundo Magalhães Júnior era um revisor por excelência, atrás de vestígios que pudessem trazer outras interpretações sobre seus personagens, a partir da reflexão sobre os documentos e repulsando as futilidades e anedotas que pudessem existir no desenlace de uma vida. Dessa forma, sua narrativa biográfica contribuía para a reformulação de conceitos sobre o gênero através da busca de novos sentidos sobre uma personalidade ou acontecimento e da crítica às omissões que pudessem distorcer uma informação. Isto se afirma em *A vida vertiginosa de João do Rio* (1978), na qual são apresentados tanto a trajetória do personagem quanto um minucioso panorama da *Belle Époque* da então capital federal, com suas ruas, praças e avenidas.

Muniz Junior destaca (2015, p. 119-120), ao citar as anotações do autor em um documento presente na *Pasta de Manuscritos* do seu arquivo existente no AMLB (Arquivo - Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa), uma possibilidade de vestígio autobiográfico de Magalhães referente à sua biografia que recebera correções no texto do documento. Conforme Muniz Junior:

[...] a faceta revisora do escritor entra em ação e ele inclui dados omitidos na edição em questão, acrescenta informações mais precisas sobre atividades profissionais, como a sua atuação no jornalismo, acrescenta dados em relação à sua produção intelectual, atualiza a bibliografia, altera parágrafos inteiros aos quais confere a sua própria versão. Os traços da pena corretiva de Raimundo Magalhães marcam as margens e os parágrafos ao longo das 5 páginas da pequena publicação, alterando datas, inserindo informações mais detalhadas, retificando equívocos no tocante à sua produção intelectual. É uma pequena amostra do seu zelo revisor dedicado à elaboração de suas biografias, constantemente reeditadas com acréscimos e correções (MUNIZ JUNIOR, 2015, p. 119-120).

Dessa mesma forma, podemos encontrar em *Machado de Assis desconhecido* (1955) esse esforço revisionista que atravessa a obra de Raimundo Magalhães Júnior, apontando os alicerces que o tornam um pesquisador assíduo e inquieto na busca de produzir uma biografia original e que é explicitada na apresentação do volume, assinada por ele:

[...] o levantamento de alguns aspectos da vida e da obra de Machado de Assis que permaneciam obscuros, ou ignorados, e um esforço no sentido de ampliar algumas das pesquisas já iniciadas, mas não aprofundadas, por vários dos seus comentadores e biógrafos. Sob certos aspectos, constitui uma refutação a conceitos e afirmações que, há longo tempo impressos, ganharam foros de uma autenticidade que estão longe de possuir. Em grande parte, esses falsos conceitos nascem do desconhecimento de uma parcela da vasta produção que Machado de Assis deixou dispersa, em jornais e revistas, nas quais poderia ter

recolhido material para pelo menos mais uma dezena de volumes. Juntamos a estas notas uma cronologia que nos parece necessária à melhor compreensão de sua genialidade. [...] As notas que aqui reunimos são o resultado de aproximações e interpretações baseadas nas nossas pesquisas em velhos jornais e revistas, bem como da leitura minuciosa e atenta do que o próprio Machado de Assis deixou em livro ou foi postumamente reunido em volume. Oferecendo-as aos leitores, acreditamos ter começado a obra necessária de revisão de julgamentos apressados e de ideias errôneas atualmente em curso sobre a vida e a obra de Machado de Assis, cuja vida se eleva majestosamente em nosso panorama literário, à medida que o tempo nos vai dando a perspectiva e o senso dos valores imprescindível à formação de juízos definitivos (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p. 4-5).

Alguns detalhes do *making off*, assim como a explicitação de dúvidas, escolhas, conflitos, impasses e caminhos que fundamentam os objetivos da narrativa, podem colaborar para transmitir transparência à narrativa biográfica, humanizando a obra, o personagem e o resultado da pesquisa, impulsionando o efeito de realidade<sup>18</sup>.

Diante dessa questão, as obras de Ruy Castro são exemplares, pois na alternância entre as biografias e as narrativas de época, recheadas de indisfarçável nostalgia, é possível refletir entre a abordagem objetiva e subjetiva na escrita biográfica – as narrativas do autor, resultantes de volumosa pesquisa documental, se caracterizam também pela utilização da imaginação para seduzir o leitor, ao mesmo tempo em que a descrição de lugares e pessoas de determinados períodos e épocas é evocada de forma claramente emocional, em um visível diálogo com uma memória afetiva vivida ou herdada.

Ao mesmo tempo, como já apontado anteriormente, entre os autores aqui abordados é o único que enfrentou disputas legais a partir de alguma de suas obras – embora também impressione a comoção criada por Magalhães Júnior com seu *Rui: o homem e o mito* –, e que remeteu ao questionamento da “dimensão individual e social do direito de memória, envolvendo obras de não ficção que narram a história de uma época, de uma cidade, de um país, de alguém” (VIEIRA, 2015, p. 3).

Assim, a importância de pensar a metodologia de pesquisa biográfica desse momento histórico referenciado está na percepção de como a censura influenciara a trajetória de construção do biografismo do autor e de outros biógrafos e seus contemporâneos.

Na biografia de Nelson Rodrigues, produzida em 1992, Ruy Castro “se deixa oscilar entre a contratação efetiva de um espelhamento do real e a constituição de uma

<sup>18</sup> “A autorreflexão [...] é a base para uma metabiografia, e um dos objetivos da metabiografia é a transparência” (VILAS-BOAS, 2014, p. 182-183).

narrativa que adquire tons e esboços sugestionáveis que beiram o imaginativo” (BRUCK, 2008, p. 126), inserindo em sua narrativa aspectos que geram efeito de real, trazendo o leitor para o momento histórico narrado, como podemos verificar na seguinte passagem da obra:

[...] era também uma vizinhança que tossia em grupo. Não que fosse uma comunidade de tísicos. O brasileiro é que tossia muito naquele tempo. Qualquer agrupamento numa sala era um pânico. Começava por um solitário pigarro. Alguém adería. Logo se juntavam as tosses secas, os chiados de asma, os assovios das bronquites e, num instante, a sala inteira era um festival de expectorações. Por isto, em todas as salas, em lugar de honra, entronizava-se a escarradeira. Uma escarradeira ‘Hygea’, branca, de louça, com o caule que se abria em lírio ou copo-de-leite. No resto, a vida era simples (CASTRO, 1992, p. 22).

Entretanto, essa metodologia de construção não se encontra tão presente em *Carmen, uma biografia* (2005) e *A noite do meu bem, a história e as histórias do Samba-Canção* (2015), como ocorre em *Chega de Saudade* (1990) e *O anjo pornográfico* (1992).

Para compreendermos essas mudanças na maneira de narrar uma existência, é preciso levar em consideração as implicações geradas com a produção de *Estrela Solitária* (1995), marcada por um processo judicial conduzido pelas filhas de Garrincha visando indenizar a família por danos morais e materiais. Portanto, as narrativas produzidas posteriormente ao lançamento desse livro sobre o jogador de futebol foram construídas em meio às implicações desencadeadas pelo momento histórico vivenciado pelo biógrafo e pela editora, a Companhia das Letras.

Em *Carmen*, podemos visualizar uma personagem compacta que cometeu poucos deslizes durante a trajetória de sua vida e cujo autor reflete a respeito dos limites da biografia, colocando-se como um vigilante da verdade sobre a biografada, assim como podemos verificar na seguinte passagem do livro, em que o autor se debruça contra a versão de que Almirante teria sido chamado, às pressas, para socorrer Carmen de sua estreia desastrosa na *tournée* em Salvador, Bahia:

[...] como seria possível a Almirante, no Rio, receber um telegrama nesse dia, embarcar correndo e chegar a Salvador menos de dois dias depois? [...] Almirante perdeu o vapor em que deveria ter embarcado com Carmen no dia 14, e o navio seguinte deve ter levado dois ou três dias para sair. Enfim, nenhum mistério, exceto o de que a memória de Almirante, sempre tão acurada, lhe faltou nesse episódio (CASTRO, 2005, p. 86).

Portanto, a narrativa é construída diante de uma linearidade temporal com farta documentação sobre a intérprete, além de diversas informações mais objetivas sobre a carreira de Carmen, procurando se distanciar de uma estética literária que possa comprometer a publicação de sua obra.

Diferente de Castro, Raimundo Magalhães se afasta de uma narrativa cronológica, descritiva e linear, mas os dois biógrafos se aproximam, neste momento vivenciado pelo primeiro, no que tange à repulsa ao aspecto literário do texto e a farta análise de documentos e entrevistas.

Se Magalhães consulta o Museu Imperial de Petrópolis, o Arquivo Nacional, o Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Biblioteca Nacional e o Arquivo e Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, bem como editoriais, confrades na ABL e IHGB, a fim de obter documentação e entrevistas, Ruy Castro consulta memorialistas, jornalistas, historiadores, coleções, revistas e também os acervos da Biblioteca Nacional e do seu personagem, se debruçando em entrevistas que pudessem possibilitar alguma informação sobre a figura que estivesse biografando.

Em *Diogo Antônio Feijó* (1942), Octávio Tarquínio de Sousa também se sobrepôs aos documentos para reconstituir a vida de seu personagem, desenvolvendo sua pesquisa em arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo e, assim, não restringindo a história e a biografia a um “mero levantamento cronológico ou ao fastidioso relatório tão do gosto de certos caçadores de lândeas” (SOUSA, 1942, p. X).

Conforme Álvaro Lins, o biógrafo não caiu nas armadilhas da biografia romanceada e nem foi apologético em sua narrativa. Em suas palavras, a biografia deveria exigir “senso de duração, algo que pudesse expressar a ‘multiplicidade de fisionomias físicas e morais que o decorrer dos anos imprimiria em todos os homens’”, transmitindo ao leitor a sensação do tempo, do devenir, a marcar fisionomias e caracteres. Diante disso, a biografia do regente, para Lins, “se foi realizando etapa por etapa, como um ser vivo que os ventos do tempo agitaram, modificaram, retorceram e derrubaram” (LINS apud GONÇALVES, 2009, p. 139).

Desse modo, podemos compreender como a imaginação poderia ser utilizada na narrativa e como a cronologia poderia ser superada, afinal, conforme Tarquínio de Sousa (1942, p. X):

[...] sem embargo do maior rigor na busca e no exame de todos os elementos históricos e dos mais minuciosos dados pessoais acerca do biografado, é indispensável que ao biógrafo favoreça um pouco de imaginação, não para

“solicitar os textos”, segundo o perigoso conceito renaniano, mas para recriar a vida que se extinguiu e restaurar o tempo que passou. É então que o trabalho do historiador se acrescenta dos dons de artista e transcende da simples cronologia.

Logo, na retratação de seus homens públicos, podemos verificar que Octávio Tarquínio procurava humanizá-los, apresentando virtudes e defeitos, “na busca do que fossem as hesitações, as dúvidas e as contraditórias expressões das ideias, das ações e, em menor escala, dos estados d’alma do biografado” (GONÇALVES, 2009, p. 204). Assim, por mais que o biógrafo não seguisse a proposição de Viana Filho a respeito do esgotamento da individualidade do biografado, podemos dizer que as narrativas de Tarquínio de Sousa tiveram uma dimensão moderna.

Pensando nessas implicações que tangenciam a metodologia de pesquisa dos três biógrafos, é possível dizer que as narrativas de Castro iniciam os anos 2000 mais informativas e jornalísticas, procurando detalhar ainda mais o cenário pertencente ao momento histórico retratado. Desse modo, as implicações que geraram mudanças na produção biográfica de Ruy Castro nos levam a refletir sobre os percalços do diálogo da história com a biografia, afinal, como salientou o jornalista-biógrafo Fernando Morais, que entre outras escreveu a biografia do magnata da imprensa Assis Chateaubriand, não existe por sua parte uma pretensão de competir com a produção acadêmica, mas sim utilizá-la, apesar de existirem para ele minúcias observadas somente pelo jornalista (SCHMIDT, 1997, p. 4).

Contudo, é preciso saber que somente a historiografia mantém a crítica interna e externa aos documentos: “quem produziu determinado vestígio? em que situação? com quais interesses?” Questões essas, primárias na investigação histórica, que nem sempre constam nos trabalhos jornalísticos. Portanto, muitos romancistas também trabalham com a trajetória de personagens reais e realizam igualmente precisas pesquisas documentais. Todavia, seus compromissos diferem-se aos dos historiadores (SCHMIDT, 1997, p. 12-13), cujas possibilidades de invenção são restritas a um campo de possibilidades historicamente determinadas, devendo haver sinalizações ao leitor através da utilização de palavras como “provavelmente”, “talvez”, “pode-se presumir”, entre outras, que, aliás, encontram-se presentes em *Carmen*, de Ruy Castro, e nos fazem, novamente, refletir sobre o andamento da produção biográfica nos tempos atuais.

## Considerações Finais

Chama a atenção, entre as similitudes e as diferenças, que Tarquínio de Sousa se manteve no campo dos grandes vultos do universo político institucional, com um significativo distanciamento temporal em relação aos seus personagens, enquanto Magalhães Júnior, embora se mantendo dentro do universo dos personagens ilustres, enfocou tanto políticos como literatos, além de retratar personagens mais próximos de sua contemporaneidade e de, no caso específico de Rui Barbosa, caracterizar um de seus trabalhos com um enfoque nitidamente iconoclasta.

Ruy Castro, por sua vez, foca suas narrativas na descrição e análise de trajetória de notáveis do campo cultural, – tanto esportivo (Garrincha), musical (Carmem Miranda) ou literário (Nelson Rodrigues) – e de contextos de uma sociedade carioca-zona sul - o Samba-Canção, a Bossa Nova, o bairro de Ipanema –, em uma mescla de biografia e memorialismo, com indisfarçável dose de nostalgia e que se vincula de forma extremamente direta com a atualidade.

No entanto, os três autores, de três momentos distintos, reafirmam uma ambição de verdade a partir de uma sólida base documental, mas, apesar disso, sem abrirem mão do imaginativo e da interpretação, e aqui se apresentam inquietações que também existem no campo historiográfico.

Cabe assinalar a tranquilidade gozada por Octávio Tarquínio de Sousa na apresentação de seus personagens e em uma abordagem que, se não é hagiográfica, também não é contestatória, inclusive pelo próprio título da coleção que enaltece os “fundadores do Império do Brasil”, em contraste com o impacto e as consequências sociais, profissionais e políticas a partir da publicação de *Rui: o homem e o mito*, para Raimundo Magalhães Júnior, e jurídicas para Ruy Castro – e sua editora – por *Estrela Solitária*, de tal modo que se explicita a maneira pela qual o biógrafo constrói sua obra como reflexo de sua época e, de certa forma, condicionada por ela.

Os biógrafos atuais, em uma sociedade com identidades fragmentadas e crescente nível de judicialização, que cada vez mais torna sua produção um objeto de múltiplas formas de consumo, têm diluído suas narrativas de modo a misturarem uma dimensão romanceada, embora não folhetinesca, e ao mesmo tempo factualista, principalmente pelo receio de polêmicas e implicações diversas, e que, em última análise, não são nem ocorrências recentes ou exclusivas do agora.

Mostra-se positivo, por outro lado, o apreço pelo cuidado na pesquisa documental e a possibilidade de diálogo com o trabalho historiográfico no que se refere às expectativas do autor enquanto pesquisador e as obrigações metodológicas com o material pesquisado.

Por isso, o historiador, assim como o jornalista, diante da construção de uma vida, devem ter ciência de que analisam experiências humanas, no qual cada existência se desenvolve com o contato e relações com outras pessoas, nos possibilitando falar de uma dimensão pessoal e outra histórica que permeiam uma existência. Com isso, a proliferação dos escritos biográficos entre historiadores e jornalistas aponta para uma necessidade de recuperação da tensão entre o individual e o social, no qual o historiador-biógrafo deva realizar estratégias narrativas entre o seu personagem e o momento histórico vivenciado por ele.

Assim, essa percepção remete, portanto, a uma justificativa da importância do diálogo e das trocas interdisciplinares e a constatação de que da mesma maneira que a metodologia de análise e produção biográfica estão diretamente ligadas ao momento histórico vivenciado por seus autores e mostram como suas percepções encontram-se presentes na obra, tal situação se apresenta com igual configuração para o historiador.

## Referências

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos Estudos* (CEBRAP), São Paulo, n.77, p. 205-220, mar. 2007.

ANDRADE, Mariza Guerra. *Anel encarnado: biografia e história em Raimundo Magalhães Júnior*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRUCK, Mozahir Salomão. *A denúncia da ilusão biográfica e a crença na reposição do real: o literário e o biográfico em Mário Cláudio e Ruy Castro*. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2008.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1990.

\_\_\_\_\_. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Carmem: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTRO, Ruy. *A noite do meu bem: a história e as histórias do Samba-Canção*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

DANTAS, San Tiago. *Dois momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

DOSSE, François. A biografia, gênero impuro. In: DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 55-122.

GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu*: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos* (CEBRAP), São Paulo, n. 77, p. 185-203, mar. 2007.

JOHNSON, Phil Brian. Up-tight about Ruy: an essay on Brazilian Cultural Nationalism and Mythology. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, v. 15, n. 2, p. 191-204, may. 1973.

LUCAS, Fábio. *Intérpretes da Vida Social*. Belo Horizonte: Ed. IP / Governo de Minas Gerais, 1968.

MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: Presses Universitaires de France: 1984.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis, desconhecido*. São Paulo: LISA – Livros Irradiantes S. A., 1972.

\_\_\_\_\_. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MUNIZ JUNIOR, João. *Biografia e história: panteonização e iconoclastia em narrativas de Raimundo Magalhães Júnior*. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2015.

NEVES, Guilherme Pereira das. Elétrons não são intrinsecamente interessantes como gente. In.: *X Encontro Regional de História da ANPUH-RJ: História e Biografias*, X, 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2002. (Anais eletrônicos). Disponível em <  
[www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Conferencias/Neves%20Guilherme%20P%20N.doc](http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Conferencias/Neves%20Guilherme%20P%20N.doc) >.  
 Acesso em: 15 fev. 2009.



OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.

\_\_\_\_\_. *Biografia e historia magistral vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista*. *Anos 90*, v. 22, n. 42, p. 273-294, 2015.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997.

SILVA, Wilton C. L. Rui Barbosa: mito, memória e esquecimento. *Diálogos*, Maringá, v. 16, p. 1111-1135, 2012.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. *Diogo Antônio Feijó*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. (Documentos Brasileiros v. 51).

TUCHMAN, Barbara W. *A prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VIEIRA, Karine Moura. Biografismo: um fenômeno do jornalismo brasileiro. In: *XIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, XIII, 2015, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: SBPJor, 2015. (Anais eletrônicos). Disponível em < <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4717/1044> > Acesso em: 10 fev. 2020.